SOBRE A FICÇÃO QUE SE ASSUME FICÇÃO

em

Giostri Editora, 2014, reedição.

W. J. Solha

O que leva Fernando Pessoa à whitmaniana, eufórica, feérica ***Ode Triunfal*** **, a Ruy Espinheira Filho rende um romance angustiado,** ***Ângelo Sobral desce aos Infernos.*** **Chocantemente, o português celebra** ***a maravilhosa beleza das corrupções políticas, deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,*** **enquanto um personagem do baiano,**

abre o jornal **(e, revoltado, lê)** ***: ministros mentindo, organizações financeiras batendo o recorde dos lucros, aumento do índice de desemprego.***

Salta para a página de polícia: dois homicídios, cinco assaltos, dezenas de roubos e furtos, acidentes, agressões, um estupro.

Um dos melhores momentos desse romance – o mais deprimente – conta como a menor Tude é levada a fazer sexo oral por ***um homem gordo de bermudas*****.**

Veja o equivalente, em ***Ode Triunfal:***

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma, / que emprega palavrões como palavras usuais, / cujos filhos roubam às portas das mercearias / e cujas filhas aos oito anos – e eu acho isto belo e amo-o! - / masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escadas.

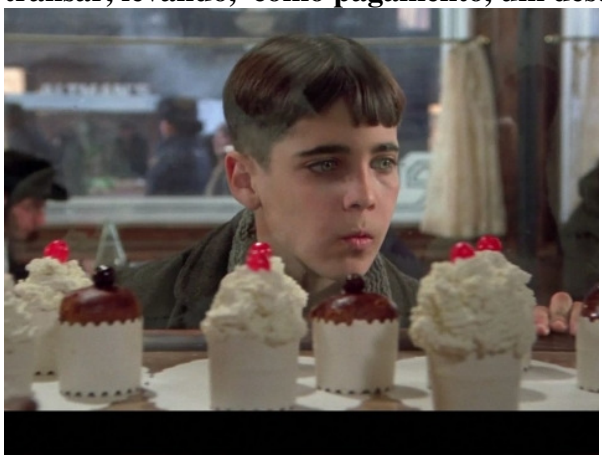
O que Ruy Espinheira Filho abomina e Fernando Pessoa vê como espetáculo, *show da vida,* a personagem Tude, no meio termo, encara com naturalidade, tornando a coisa toda mais... trágica. Faz o *boquete* e

Logo ela está na escada e tira algo de entre os seios. Sorri: nem em uma semana se sorte conseguiria tanto. Desce até a rua pulando os degraus de dois em dois, com os pés juntos.

Toque genial, isso. Veja como é infantil:

Desce até a rua pulando os degraus de dois em dois, com os pés juntos.

Lembra-me uma sequência de *Era uma vez na América,* de Sérgio Leone, rodado em 1984. O garoto combina com a menina de ir ao apartamento dela, pra transar, levando, como pagamento, um destes doces:



Impaciente, no entanto, com a demora para que ela lhe abra a porta, ele não resiste... e - comovedoramente infantil - passa a delícia pros peitos.

Mas.. por que o título *Ângelo Sobral desce aos Infernos?*

Cap 32:

Sim, meu avô estava enganado. Viver não é "conquistar a montanha" (e que montanha seria essa, afinal?), mas, queiramos ou não, DESCER AOS INFERNOS. Viver é um aprofundamento na condição humana, no que somos em essência – sem os mil disfarces que criamos e aperfeiçoamos desde o tempo das cavernas, ou antes disso. É o que ganhamos, avançando na vida: a visão de uma espécie de câmara de horrores.

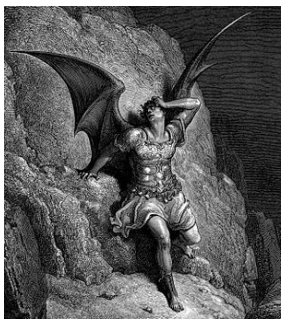
O diabo do cristianismo tem uma força enorme. Seus símbolos permanecem. Veja a fonte do nome do narrador e do livro, na segunda epístola de Pedro, 2:4:

...Si enim Deus **angelis** peccantibus non pepercit, sed rudentibus **inferni** detractos in tartarum tradidit in iudicium reservatos:

Ou:

...Se Deus não perdoou aos **anjos** que pecaram, mas, havendo-os **lançado no inferno**, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo;

Bem, esse é o tema do romance.



Belial é mencionado no novo testamento como o oposto da luz, do bem e de Jesus Cristo. Seria o mais importante demónio na Terra, que comandava as forças da escuridão contra os homens de bom coração.

Isso tem a ver com o encerramento do romance em que Ângelo Sobral escreve suas memórias, encomendadas por seu editor. Aliás, como um meio de tornar seu personagem ligado à literatura, Ruy Espinheira Filho não poupa citações:

Cap. 22

Lara (...) balança a cabeça e ri, porém como um personagem de Genet: de infelicidade".

Cap, 7

e penso em Prufrock: também não creio que um dia as sereias cantem para mim.

Cap. 11

Píndaro:

- O homem não passa de sonho de uma sombra.

Cap. 2

Mas o que me ocorreu (..) foram as palavras de Simone de Beauvoir sobre Sartre: "Sua morte nos separa. Minha morte não nos reunirá"

Cap 48

Penso em suicídio. Sobretudo nos exemplos comentados por Montaigne, que ando relendo: contra a dor, a decadência, a miséria, a escravidão, o aviltamento moral, a vergonha, etc.

52:

Tavez tudo destinado, para aproveitar uma expressão de Nabokov, à Biblioteca do Letes, mas isto não importa."

Bem. O romance termina com estas palavras:

A ordem que me dou é – com as armas de que disponho - intrometer-me entre o dragão, seja o que ele for, e sua cólera, e pôr-me no caminho da forma monstruosa que, como no poema de Yeats, se afasta em direção a Belém para nascer.

O poema mencionado é *The Second Coming, A Segunda Vinda,* em que se insiste que isso está para acontecer.

... but now I know
That twenty centuries of stony sleep
Were vexed to nightmare by a rocking cradle,
And what rough beast, its hour come round at last,
Slouches towards Bethlehem to be born?

Na tradução de Paulo Vizioli:

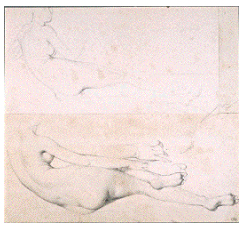
mas eu sei agora
Que o sono pétreo desses vinte séculos
Deu em sonho mau no embalo de um berço.
Qual besta rude, vinda enfim sua hora,
Arrasta-se a Belém para nascer?

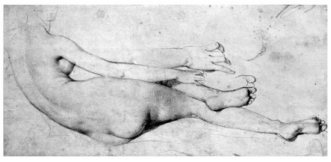
O curioso é que, apesar do título e do final dramáticos, *Ângelo Sobral desce aos Infernos* tem apenas 118 páginas - nada dos volumes pesados da *Divina Comédia* ou do *Paraíso Perdido* – e, longe de uma obra densa, acabada, está mais para mais um clássico *non finito,* como esta peça de Rodin,

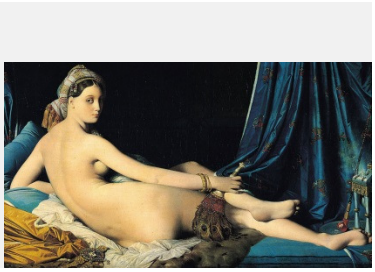
... a começar pelo modo com que os personagens são apresentados:

Lara:

Ela me tem acompanhado pelos últimos seis ou sete anos, apresentando contornos cada vez mais nítidos.







Amadeu e Rosa:

saltaram-me **das páginas dos jornais** ***com toda a sua carga de miséria e desespero. (...) Eu não os construo, eles é que se constroem em mim.***

Puras e declaradas invenções, portanto, embora verossímeis. Ruy, recusando-se a nos iludir com o simulacro de uma realidade, mantém seu ***distanciamento brechtiano:***

Os nomes de Amadeu e Rosa surgiram naturalmente, já prontos e – creio – adequados. Já o de Lara foi mais complicado: veio de muito longe, da velha Roma mitológica, da náiade que, por denunciar a perseguição de Júpiter a Jutuma, teve a língua cortada e se transformou na deusa do silêncio.

Sobre a própria Tude, a garota do sexo oral, ele diz:

Tude e a família. É gente que vejo na rua a toda hora, mas até que ponto posso compreendê-la?" (...) Osvaldo e Osvando estão em toda parte, chutando velhas bolas de borracha ou de couro n as ruas e nas praias, vendendo picolé e amendoim, cafezinho e refrigerantes, ou em batalhas mais duras, às vezes sangrentas. E Tude tantas vezes apodrecendo rapidamente num prostíbulo, velha, doente, acabada antes dos vinte anos. É DESSES VULTOS – MILHARES, MILHÕES – que os componho, de que eles mesmos se compõem em mim.

Ruy faz uma inusitada fusão, portanto, ao longo do livro, da aristotélica divisão entre o universal e o particular. De onde teria tirado isso? Jung diz que a religião, a arte e os sonhos vêm todos de uma mesma fonte. E aí está:

Alguém me chama e sei que é minha tia Joana. Mesmo no sonho eu sei que ela está morta, mas atendo ao seu chamado, feliz, e começo a subir a escada que leva à cozinha.

Veja a origem do próprio livro:

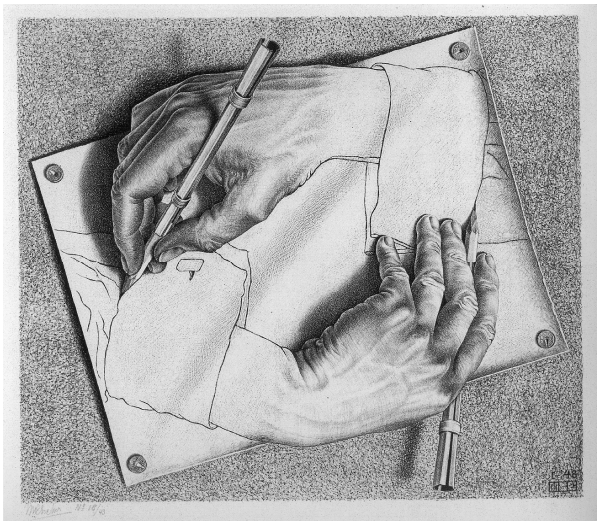
Newton chegou às 11 horas. (...) perguntou-me por que eu não escrevia uma autobiografia. Respondi-lhe: é o pior tipo de ficção que existe.

- Despende do autor. No seu caso, acho que seria ficção do mais alto nível...

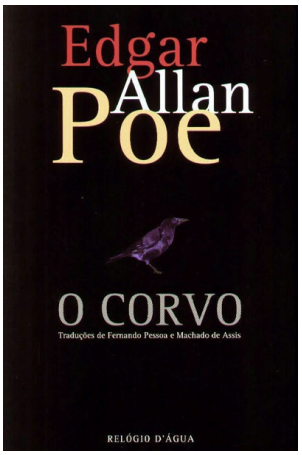
E é. Mais adiante:

- não sei se será exatamente memória. Talvez em parte. Vou escrevendo sem muita definição, deixando correr para ver no que dá. Na verdade, por enquanto só tenho mesmo o título: Ângelo Sobral desce aos infernos.

Lembra algo de Escher, bastante imitado:



Fica, portanto, caracterizado como o *modus operandi* de Ruy Espinheira Filho, aqui, que a fatura desse livro de memórias é o resultado de suas leituras – de jornais e livros – e da própria realização da obra. Algo como um filme que contenha seu próprio *making of,* ou como o *Carmen,* de Carlos Saura, em que se monta uma atualização da ópera, na qual a vida dos participantes se mistura com o melodrama de Bizet. Ou: como se conseguíssemos ler estas duas obras ao mesmo tempo:



Agora... veja este trecho:

Da última viagem de meu avô, ficou-me uma imagem que de quando em quando me procura: um carro mortuário imenso, sinistro, trepidando no calçamento irregular, de pedras escuras e gastas, um carro de pesadelo com cortinas negras, negras.

Ora, Ruy Espinheira Filho é de 1942: um ano mais novo do que eu. Eis o tipo de carros funerários que vi na infância:

Tinham pneus, não "trepidavam". Mas também vi isso que ele descreve, em algum lugar*: um carro mortuário imenso, sinistro, trepidando no calçamento irregular, de pedras escuras e gastas, um carro de pesadelo com cortinas negras, negras.* Meu deus: foi no pesadelo do narrador Isak Borg, do *Morangos Silvestres,* de Bergman!

Ah, e vi a origem – voluntária ou não – do primeiro capítulo do *Ângelo Sobral desce aos Infernos:*

Eu, menino, chupando manga no quintal da casa de meu avô paterno: foi no enterro de minha mulher que esta luz me bateu nos olhos. Como uma alucinação. (...) eu, ali,* vendo *aquele menino de pés descalços, nu da cintura para cima, cabelos assanhados, tão remoto quanto o princípio do mundo.

"Tão remoto quanto o princípio do mundo"... e... morte!: o começo de *Cien Años de Soledad:*

MUCHOS AÑOS DESPUÉS, frente al pelotón de fusilamiento, el coronel Aureliano Buendía había de recordar aquella tarde remota en que su padre lo llevó a conocer el hielo. Macondo era entonces una aldea de veinte casas de barro y cañabrava construidas a la orilla de un río de aguas diáfanas que se precipitaban por un lecho de piedras pulidas, blancas y enormes como huevos prehistóricos**. *El mundo era***

tan reciente, que muchas cosas carecían de nombre, y para mencionarlas había que señalarlas con el dedo.

Mas Buendía recorda. Ângelo Sobral VÊ. Tal como Isak Borg diz que acontece ao reencontrar o velho canteiro dos morangos silvestres junto a uma velha casa de veraneio atualmente desocupada, quando ele passa a VER

tudo que se passara ali, na juventude. Ele entra, inclusive, na casa, e tudo ocorre como se, invisível, estivesse entre as pessoas do passado distante.

Daí as memórias...

A filha – Ana – condoída da viuvez do pai, quer que ele vá passar uns dias com ela e o marido, mas Ângelo Sobral agradece:

- Não se preocupe. Estou mesmo querendo ficar só. Para ver se trabalho um pouco. Tudo será menos difícil se eu trabalhar.

O filme começa exatamente com Isak Borg, em seu gabinete, recapitulando sua velhice solitária:

Primeiro plano quando ele diz:

- Minha esposa Karin morreu há muitos anos.

- Eu sempre trabalhei duro e sou grato por isso – diz em off, exatamente sobre a imagem acima.

Até um toque de humor bergmaniano há no livro de Ruy:

- ***Newton é, além de meu editor, um bom amigo, e certamente marcará presença como ninguém em meu sepultamento – com imensas coroas, discurso ao pé do túmulo e longas, lamentosas entrevistas. Ainda bem que estarei morto.***

Isak Borg tem uma discussão com a velha empregada, que quer controlar sua vida:

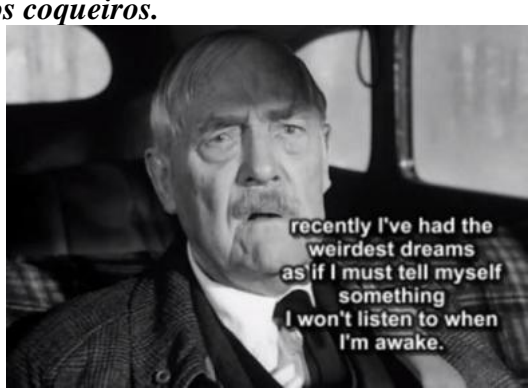
- Nós não somos casados, dona Agda!

E ela:

- E agradeço a Deus toda noite por isso.

Como Isak Borg, Ângelo Sobral pega o carro e vai à casa que tinha sido de seus avós:

em mim a viagem deslizava entre alvas dunas abolidas, sombreadas por extintos coqueiros.



- Ultimamente – Borg diz - tenho tido sonhos... estranhos, como se eu precisasse me dizer algo que não quero ouvir acordado.

Caminhei até a janela (...) e contemplei o quintal: as bananeiras, a mangueira, o menino. Que se desfizeram num segundo, deixando espaço a um chão de cimento ocupado por automóveis, de onde subia uma claridade aguda.

...minha avó: (..) ficou em mim como um vulto em movimento.

O enterro de meu avô (...) sepultou em mim boa parte de Deus"

Isto poderia, perfeitamente, estar em *Morangos Silvestres:*

Um canário entrou pela janela e não acertou sair, pousando na moldura de um quadro. Então tia joana largou a costura, ergueu-se e estendeu a mão para ele. Que poderia ter escapado, mas deixou-se pegar como se tivesse absoluta confiança naqueles dedos que o prendiam. Tia Joana o beijou e aproximou-o de meus olhos siderados.

- Não é uma lindeza de Deus?

E a Lara do Ângelo? Não seria a *Sara* de Borg, Sara só porque ele é Isak?

Bibi Andersson

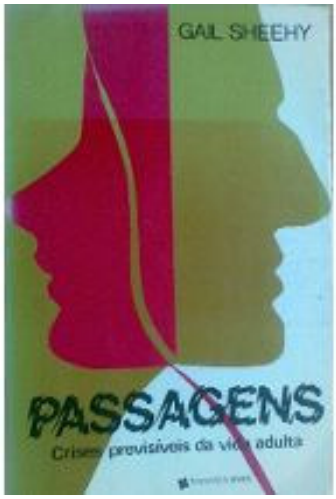
Personagem: Sara

Veja como Ângelo Sobral a descreve:

E é silenciosamente que Lara começa a se mover em mim. Emerge de um mar tranquilo, A PELE CLARA BRILHANDO AO SOL. Suas pernas são longas e fortes, os seios pequenos, O ROSTO SONHADOR E QUASE INFANTIL.

Words, words, words.

***Parece-me* que Bergman vivia um momento, quando rodou *Morangos Silvestres,* semelhante ao que Ruy Espinheira Filho atravessava quando escreveu este romance, numa das**

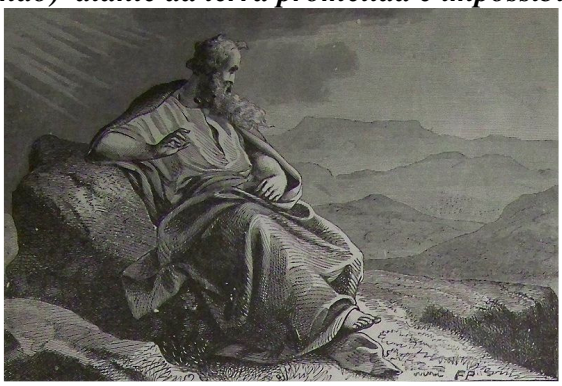


Havia, no grande poeta, romancista baiano, articulado pelo seu alterego Ângelo, ***um outro medo*** **(fora o da morte):** ***o de deixar minha obra inacabada. Depois descobri que assim fica toda obra.***

- Mesmo que eu viva mil anos não estarei satisfeito o bastante para considerar meu trabalho concluído.

E lá vem, novamente, a religião:

E eis que encontro uma imagem para ilustrar a vida dos artistas. Moisés (morrendo) diante da terra prometida e impossibilitado de tocá-la.



minha vida, como qualquer vida, não foi um movimento coerente. Só neste caderno, que chega às ultimas páginas, quanta coisa conflitante, incompleta, abandonada, depois retomada, reconsiderada, sem falar no que foi simplesmente esquecido e pesa em sua ausência. (...) Jamais encontrarei o poema que procuro. Mas o procuro.

Isak Borg me vem novamente à lembrança:

- Ultimamente tenho tido sonhos... estranhos, como se eu precisasse me dizer algo que não quero ouvir acordado.